

FONTE : JB

CLASS. : 51

DATA : 09 10 90

PG. : 14

Poluição vem do exterior

Os países que mais denunciam os problemas ambientais brasileiros são, paradoxalmente, os que mais vendem mercúrio para o Brasil, apesar de não serem produtores desse metal. As empresas revendedoras nacionais importam anualmente 235 toneladas de mercúrio metálico — cerca de 70% do total das importações desse produto — e vendem nas farmácias e mercearias dos garimpos em frascos com identificação de uso odontológico. E o mercúrio perdido nos processos do garimpo e despejado nos rios na verdade é pelo menos três vezes menor do que as estimativas oficiais. Ou seja: o mercúrio importado está ajudando a produzir uma quantidade de ouro muito maior do que os números do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e cujo destino é oficialmente desconhecido.

Os números divulgados ontem por uma equipe de pesquisadores do Centro de Tecnologia Mineral (Cetem) no Simpósio Forest 90 são assustadores. Levantam, por exemplo, suspeitas sobre a existência de comércio internacional triangular de um produto extremamente tóxico como o mercúrio metálico: uma recente consultoria encomendada pelo detem ao pesquisador Rui Hasse Ferreira mostrou que, até 1984, o México, que é um grande produtor de mercúrio, fornecia ao Brasil mais de 90% do total importado. Curiosamente, a partir de 1985, coincidindo com o auge da febre do garimpo, os Países Baixos, Alemanha e Reino Unido, todos países não produtores, passaram a contribuir com 75% do fornecimento de mercúrio metálico para o Brasil.

Importações — Em 1984, segundo dados coletados diretamente de órgãos governamentais, usuários e entidades setoriais de consumo, as importações que antes eram constantes passaram a aumentar continuamente, atingindo 337 toneladas em 1989, sem computar os lotes que não chegaram ao seu destino final. Desse total, 62% foram despejados no meio ambiente e não foram recuperados. O que intriga os pesquisadores é que, enquanto os números da importação sobem, o consumo oficialmente declarado pelos diversos setores diminui. "Isso nos leva a acreditar que esteja ocorrendo uma comercialização informal", suspeita Rui Hasse. Tudo indica que o destino desse mercúrio não declarado é o garimpo, com todas as suas conseqüências ambientais.

Nas últimas décadas, a importação de compostos químicos de mercúrio representou menos de 6% da quantidade total importada. Do ponto de vista industrial, o consumo de mercúrio na produção de cloro-soda baixou nos últimos anos, representando em 1989 apenas 5% do total. As outras ativida-

des industriais, entre elas a indústria farmacêutica, que tem reduzido o uso de mercúrio, ficaram com 17% das importações. O que chama a atenção é o crescimento expressivo da importação de mercúrio metálico por empresas de revenda: em 1989, essas empresas obtiveram 266 toneladas do metal, correspondentes a 78% do total importado no mesmo ano. No entanto, só 31 toneladas teve seu destino identificado.

Suspeita-se que as restantes 235 toneladas importadas pelas revendedoras foram para os garimpos, que comercializam livremente o produto em casas que vendem equipamentos de mineração, farmácias e mercearias locais, em frascos de 100 gramas com rótulo que identifica o mercúrio como de uso odontológico — hoje existem 70 importadores ligados ao setor de revenda de mercúrio, 100% a mais que em 1984.

Despejo — Não há consumo que justifique tamanha quantidade de mercúrio para uso odontológico. Dos cerca de 75 mil dentistas existentes no Brasil, 70% usam amálgamas nas obturações — processo que necessita do mercúrio. Com isso, Hasse calcula que o consumo seria de 16 toneladas de mercúrio por ano. Destas, apenas três a quatro toneladas são importadas diretamente pelos usuários, representando apenas 1% do total de metal importado. O saldo de 12 a 13 toneladas é adquirido pelas revendedoras. Com os excedentes das obturações dentárias, calcula-se que 30% dos amálgamas são perdidos. Ou seja, cinco toneladas por ano de mercúrio odontológico são despejadas nos esgotos municipais.

Os números já publicados mostram que o garimpo de ouro consumiu, em 1989, 168 toneladas de mercúrio, enquanto na realidade só as revendedoras distribuíram o dobro disso para os garimpeiros. Em 10 anos, as revendedoras aumentaram a importação de mercúrio de 25 para 266 toneladas anuais.

Ao mesmo tempo, os técnicos do Cetem acreditam que as perdas de mercúrio durante os processos de produção seja bem menor do que se pensa. Medições feitas pelo pesquisador Luiz Farid na região de Poconé (MT), a 100 quilômetros de Cuiabá, mostraram que para cada grama de ouro produzido o garimpeiro só perde um ou, em alguns casos, meio grama de mercúrio, e não três como se estimava. Isso significa que o mercúrio na verdade está produzindo pelo menos três vezes mais ouro do que se calcula oficialmente.

Segundo o pesquisador Francisco Fernandes, também do Cetem, "a produção brasileira de ouro é subestimada, já que não leva adequadamente em consideração a parcela consumida pelo garimpo, que é responsável pela maior parte da produção nacional" (S.A.).